

A TERAPIA COMUNITÁRIA SISTÊMICA E INTEGRATIVA NO ENFRENTAMENTO DO ESTRESSE E DO ADOECIMENTO NO TRABALHO DOCENTE

Ralph CASTRO*
Cinara Aline FREITAS**
Maurino Bertoldo SILVA ***
Eliete Pereira RODRIGUES****

RESUMO: Atualmente, há um aumento das responsabilidades dentro da escola, onde o professor assume cada vez mais inúmeros papéis, inclusive àqueles que antigamente eram exercidos pela família, precisando ter uma postura de equilíbrio em diferentes situações. A grande maioria dos estudos, além de relacionar as condições de trabalho e o adoecimento do professor, concluem que as transformações ocorridas na organização social e no trabalho docente, da década de 90 até hoje, permitem classificar esta atividade no Brasil como uma profissão de risco e insalubre. Este estudo procurou verificar se a Terapia Comunitária Sistêmica e Integrativa (TCSI) pode ser utilizada como instrumento de avaliação das condições do trabalho docente, tanto em Uberaba quanto no Brasil. Foram realizadas dez sessões de TCSI em dez escolas da rede municipal de Uberaba-MG com intenção de apontar os principais problemas, sentimentos e estratégias de enfrentamento dos professores. Relacionando os dados das sessões de TCSI com as informações de pesquisas sobre a

* Mestrando em Educação. UNIUBE - Universidade de Uberaba - Pós-graduação em Educação. Uberaba - MG - Brasil. 38010-200 - ralph.castro@uberabadigital.com.br

** Psicopedagoga e Analista de Gestão Educacional. Secretaria de Educação de Uberaba. Uberaba - MG - Brasil. 38061-080 - cinara.freitas@uberabadigital.com.br

*** Psicólogo. IPREM - Instituto de Previdência Municipal de Governador Valadares. Governador Valadares - MG - Brasil. 35020-020 - maurinobertoldo@yahoo.com.br

**** Bióloga e Professora de Educação Básica. Secretaria de Educação de Uberaba. Uberaba - MG - Brasil. 38061-080 - elieterodriguesvisa@gmail.com

temática saúde e adoecimento docente, é possível apontar a TCSI como ferramenta tanto de avaliação, quanto de enfrentamento das principais causas de adoecimento docente no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho docente. Saúde do professor. Terapia comunitária integrativa sistêmica.

Introdução

A escola, criada para transmitir conhecimentos e técnicas, atualmente tenta destinar o foco das suas ações para a formação do indivíduo como um todo. Ou seja, ideologicamente, a escola deve ir além de simplesmente criar mão-de-obra especializada, formando sujeitos críticos, participativos, capazes de colaborar na transformação da sociedade em que vivem. Neste sentido, a missão da escola hoje ultrapassa, e muito, suas finalidades desde sua criação nos moldes atuais, por volta do século XV. Em nossos dias observa-se um aumento das responsabilidades dentro da escola, onde o professor assume cada vez mais inúmeros papéis, inclusive aqueles que antigamente eram exercidos pela família, e muitas vezes, precisa ter uma postura de equilíbrio em diferentes situações. Outro ponto que interfere na prática docente é o avanço contínuo do saber, que afeta especialmente o professor resistente à mudanças e que não abre mão do modelo social de transmissor exclusivo de conhecimento (CARLOTTO, 2002).

Hoje, sobre seus ombros, os professores suportam e tentam carregar o duro peso da responsabilidade de serem vistos pela sociedade como o único ser capaz de determinar a prosperidade ou a marginalização do aluno. Ser professor também implica a exposição a ambientes conflituosos, de alta exigência, e múltiplas atividades, tais como: docência, tarefas extraclasse, reuniões, funções administrativas, atividades adicionais, orientações de alunos problemas (com relatos de ameaças verbais e físicas), bem como limitação de tempo para realizar as atividades. Além disso, está inserido num contexto de mudanças em que, alterações ambientais (políticas, econômicas, sociais e culturais) e as pressões decorrentes sobre determinadas tarefas têm alterado experiências de trabalho e seus significados. Essa situação estressante leva a repercussões na saúde física e mental e no desempenho destes profissionais (LANDINI, 2008).

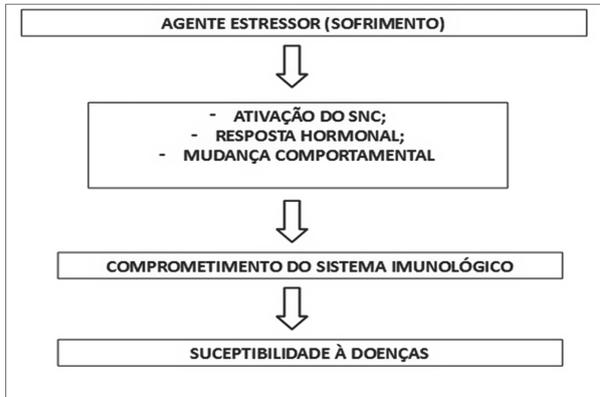
Miller (1992) afirma que esses fatos afetam a estrutura psíquica dos indivíduos e Dejours (1988) aponta a docência como uma profissão de sofrimento. Os desgastes físico e mental, ocasionados pelas exigências permanentes da profissão docente, trazem certamente, impactos em termos de bem-estar e saúde para a maioria dos profissionais da categoria. Não é preciso um grande esforço para perceber que o ambiente de trabalho docente (organização, exigência, baixa remuneração e falta de estrutura) implica em risco à saúde e qualidade de vida. Em outras palavras, pensando o adoecimento docente como fruto ou produto também das relações e das condições de trabalho, tanto a saúde como o adoecimento do professor podem ser melhorados ou agravados, conforme o grau de dedicação coletiva no sentido de humanizar o trabalho.

Esteve (1989) identificou cinco grandes mudanças sociais que impuseram certa pressão aos professores e que criaram condições para o aumento dos estudos sobre *stress* na categoria. São elas:

- A transformação do papel do professor e dos agentes tradicionais de integração social;
- As crescentes contradições no papel do professor;
- As mudanças nas atitudes da sociedade em torno do professor;
- A incerteza acerca dos objetivos do sistema educacional e da longevidade ou utilidade do conhecimento;
- A deterioração da imagem do professor.

A partir de um estudo realizado na Secretaria Municipal de Educação de Uberaba-MG (SEMED) analisou-se que as principais causas de afastamentos dos servidores apontam os problemas de saúde mental e osteomusculares como responsáveis por quase metade dos afastamentos e por mais da metade do número de dias afastados. Estes fatores guardam relação intrínseca ao sistema de trabalho, stress, sobrecarga e baixa qualidade de vida. Segundo A. Maia (2002) existe a interação entre o sistema imunológico e o sistema nervoso e endócrino, conforme Esquema 1:

Esquema 1 – Estresse e adoecimento docente



Fonte: A. Maia (2002).

A SEMED conta com sessenta e quatro (64) unidades de ensino, entre unidades urbanas e rurais. As escolas atendem crianças a partir dos seis (6) meses de idade na educação infantil e a alunos no ensino fundamental. Para atender a essa demanda e promover um ensino de qualidade, a SEMED possui um quadro total de 3997 servidores. Pensando em proporcionar uma melhor qualidade de vida aos seus servidores, esta secretaria se sente corresponsável pelos seus, e não poderia deixar de fomentar o “cuidado” com aqueles que têm como missão formar novos cidadãos. Com intuito de dar voz e acolher o sofrimento dos professores da rede municipal, a SEMED de Uberaba abriu espaço para a realização de sessões de Terapia Comunitária Sistêmica e Integrativa (TCSI) nas unidades escolares. A escolha da TCSI ocorreu por esta prática considerar que todos os indivíduos de uma comunidade, no caso a comunidade escolar, são responsáveis pela busca de soluções e a superação dos problemas. De acordo com Barreto (2005) a comunidade que tem o problema tem a solução. Desta forma a TCSI pode integrar os diversos saberes e contextos socioculturais ampliando as redes solidárias de promoção da saúde e cidadania. Além disso, a TCSI rompe com estratégias verticais e descontextualizadas por ser um espaço de partilha de experiências de forma horizontal e circular.

Nas sessões de TCSI as soluções nascem do grupo, por isso a prática favorece a autoconfiança coletiva e o sentimento de inclusão e pertencimento dos indivíduos da comunidade. Além disso, nas sessões, o sofrimento

mento humano é entendido como uma fonte geradora de competência e, por isso, deve ser valorizado, resgatado e utilizado como instrumento para crescimento do indivíduo e da comunidade.

A TCSI tem como objetivo ouvir e compreender os problemas, as principais causas de sofrimento, os sentimentos e as estratégias de enfrentamento da comunidade. Em uma comunidade formada por profissionais e professores da rede municipal, este estudo procurou verificar se a TCSI pode ser utilizada como instrumento de avaliação das condições do trabalho docente. Além disso, buscou-se identificar os principais problemas enfrentados pelos professores da rede municipal; compreender os principais sentimentos e sofrimentos vivenciados pelos professores; determinar as principais estratégias de enfrentamento dos problemas dos docentes; comparar os principais problemas relatados nas sessões de TCSI com os principais problemas enfrentados pelos professores no Brasil.

Metodologia

Foram realizadas dez (10) sessões de TCSI em dez (10) escolas da rede municipal de Uberaba-MG, escolhidas de forma aleatória, com intenção de apontar os principais problemas, sentimentos e estratégias de enfrentamento dos professores. Além disso, também foi realizada uma sessão de terapia comunitária apenas com diretores das escolas. No total participaram das sessões 296 professores e 12 diretores da rede municipal havendo como critério de inclusão o interesse em participar da TCSI. As rodas foram realizadas por terapeutas formadores, professores do Curso de Terapia Comunitária de Uberaba, as sessões foram organizadas seguindo a metodologia desenvolvida pelo Departamento de Medicina Comunitária da Universidade Federal do Ceará (UFC), criada pelo Prof. Dr. Adalberto de Paula Barreto e descrita no livro “Terapia Comunitária passo a passo” de Barreto (2005) conforme esquema a seguir:

- Acolhimento: boas vindas, celebração da vida e regras;
- Escolha do tema: apresentação dos temas, identificação do grupo com os temas apresentados, votação e escolha do tema;
- Contextualização: coletar informações para compreender o tema eleito;
- Problematização: Mote. Redimensionar seu sofrimento e descobrir que sua dor é a dor de muitos. A situação trazida pelo protagonista faz emergir situações semelhantes já vivenciadas, suas

respectivas estratégias de superação e socialização das estratégias de enfrentamento;

- Conclusão: Conotação positiva e socialização do que foi apreendido.

Em todas as sessões realizadas houve a preocupação em registrar todos os temas relatados, os sentimentos despertados e as estratégias de enfrentamento da comunidade. Ao final de cada sessão, a equipe de terapeutas se reunia com a finalidade de avaliar as atividades, registrar e organizar os dados. Após as sessões de TCSI os dados foram classificados, organizados e apresentados para profissionais e gestores da secretaria de educação do município.

Para comparar os problemas relatados nas sessões de TCSI com os principais problemas enfrentados por professores no Brasil, houve a necessidade de fazer um levantamento bibliográfico.

O levantamento bibliográfico foi realizado inicialmente no Portal de Periódicos da Capes utilizando os descritores “trabalho docente” e “mal estar docente” como assunto. Apareceram dois (2) trabalhos e apenas um (1) sobre o assunto. Utilizando os descritores “saúde do professor” e “Burnout” como assunto surgiu um trabalho com enfoque na saúde e na análise de prontuários. Ao buscar “saúde do professor” e “ensino e saúde” no assunto aparece um trabalho focado o ensino superior. Nenhum trabalho foi encontrado utilizando “saúde do professor” e “mal estar docente” como assunto. Utilizando os termos “saúde do professor” e “ensino fundamental” é disponibilizado apenas um trabalho que foca a discussão em práticas pedagógicas. Ou seja, em todo levantamento realizado no Portal de Periódicos da Capes apenas um (1) trabalho referente ao assunto foi “trabalho docente” e “mal estar docente”.

Outro banco de dados utilizado foi o google acadêmico, filtrando trabalhos produzidos em um intervalo entre 1999 a 2015 na busca avançada. Utilizando os termos “adoecimento docente” e “trabalho docente” no título, são dispostos doze (12) estudos dos quais, após a leitura dos resumos, sete (7) trabalhos foram selecionados. Ainda dentro do mesmo banco de dados utilizando os descritores “trabalho docente” e “saúde do professor” no título ocorre a presença de um (1) trabalho. Com a utilização de “mal estar docente” no título aparecem oitenta (80) trabalhos dos quais, após a leitura do resumo, apenas um (1) foi selecionado. Quando utilizado os termos “saúde” e “trabalho docente” no título trinta e nove (39) trabalhos são apontados e deles apenas seis (6) foram selecionados após a leitura dos resumos. Sem dúvida o maior número de trabalho apa-

rece ao utilizar o descritor “saúde docente” no título em que aparecem 150 trabalhos dos quais dez (10) foram escolhidos após a leitura dos resumos. Em suma, toda a pesquisa no banco de dados do google acadêmico apontou vinte e quatro (24) trabalhos entre artigos e dissertações produzidos em vários locais do território nacional.

Após a leitura de pesquisas e estudos, foram delimitados os principais problemas enfrentados pelo exercício docente no Brasil para posterior comparação com os principais problemas relatados nas sessões de TCSI por professores de rede pública de ensino infantil e fundamental da cidade de Uberaba-MG.

Resultados

No total foram realizadas dez (10) sessões de TCSI com professores e uma (1) sessão de TCSI com diretores da rede municipal de Uberaba-MG. Ao reunir e analisar todos os dados relativos aos problemas relatados nas sessões foi possível perceber e destacar que todos os temas poderiam ser classificados em cinco (5) categorias apresentadas de forma decrescente:

- 1º - Problemas relativos ao sistema de trabalho (principal queixa dos professores);
- 2º - Problemas relativos à família;
- 3º - Baixo salário;
- 4º - Problemas relativos ao relacionamento com alunos;
- 5º - Questões pessoais.

Em relação aos problemas do sistema de trabalho, os principais sentimentos despertados, segundo a fala dos professores, foram: frustração, impotência diante de problemas no trabalho, sobrecarga, falta de qualidade de vida, silêncio (3 rodas), descrença, decepção, tristeza, autoco-brança, falta de qualidade de vida, desmotivação, falta de reconhecimento e incompreensão. Quando arguidos sobre questões com a família, os principais problemas foram relativos a conflito, morte ou adoecimento de familiares.

No que diz respeito aos problemas com baixo salário, os sentimentos relatados pelos participantes foram, insegurança e desvalorização. Referente à relação com alunos, os principais sentimentos foram insatisfação e desrespeito. Sobre as questões pessoais que apareceram nas sessões,

os principais sentimentos apontados foram: culpa por magoar o outro, falsidade, traição, obesidade, problema de saúde, medo de morrer, agonia, impaciência e nervosismo.

Em linhas gerais, os principais sentimentos relatados pelos participantes em todas as sessões foram: frustração, impotência (problemas de trabalho), desvalorização, descrença, desrespeito, desmotivação, desespero, agonia, impaciência, nervosismo, sobrecarga, cobrança, insegurança (baixo salário), medo (baixo salário), insatisfação, autocobrança, culpa, traição, ansiedade e decepção.

Frente a tantos problemas e sentimentos despertados, professores e diretores foram perguntados sobre suas estratégias de enfrentamento, sendo elas: 1. Fortalecimento e empoderamento pessoal; 2. Busca de redes solidárias (amigos, vizinhos etc.); 3. Ajuda religiosa; 4. Ajuda profissional. É necessário ponderar que muitos profissionais, frente às dificuldades e a baixa remuneração, acabam optando por abandonar a atividade e estes profissionais logicamente não participaram das sessões de TCSI.

Levantamento Bibliográfico

Realizando um levantamento bibliográfico nas últimas décadas, sobre o estudo das condições de trabalho e do adoecimento docente, é possível apontar pesquisas em toda a extensão do território nacional, como: Rio Grande do Sul (Porto Alegre e cidades do interior), Rio de Janeiro, Bahia (Feira de Santana, Vitória da Conquista e Salvador) Minas Gerais (Uberlândia, Betim e Belo Horizonte), Paraíba (João Pessoa), Pará, Paraná (Cascavel) e São Paulo (Campinas e Ourinhos). Ou seja, a lógica e organização do trabalho e os fatores que levam ao comprometimento da saúde do professor desperta o interesse dos estudiosos já há algum tempo.

Todos os trabalhos selecionados representam um universo de aproximadamente 7919 professores da rede pública e particular de ensino, funcionários e professores universitários, além de aproximadamente 5000 alunos. O vasto número de pesquisados contribui para esclarecer, dar contornos e descrever os processos de trabalho e de adoecimento do professor no Brasil. A grande maioria dos estudos, além de relacionar as condições de trabalho e o adoecimento do professor, concluem que as transformações ocorridas na organização social e no trabalho docente, principalmente da década de 90 até hoje, permitem classificar esta atividade no Brasil como uma profissão de risco e insalubre (CARLOTTI,

2002; GOULART, 2003; CRUZ; LEMOS, 2005; ARAUJO, 2005; MENDES, A., 2006; ASSIS, 2006; REIS, E., 2006; FREITAS; CRUZ, 2008; ASSUNÇÃO, 2008; LANDINI, 2008; ARAUJO; CARVALHO, 2009; BASTOS, 2009; MENDES, M., 2010; MAIA, P., 2010; REIS, M., 2009; BRAND, 2010; MARCELINO, 2011; SCHWALM, [20--]; KAWAMURA, 2015; BERNARDES, 2015).

Para os autores, a estrutura produtiva, política e ideológica do capitalismo leva ao adoecimento docente, especialmente na educação básica. A ampliação do capitalismo em nível global promoveu e promove a competitividade, eficiência e lucratividade diminuindo os direitos de trabalho, especialmente, daqueles trabalhadores sob o jugo do estado (REIS, M., 2009; KAWAMURA, 2015; BERNARDES, 2015).

A ideia de uma escola como única instituição capaz de promover uma ascensão social, a capacidade de consumo, o sucesso e o fracasso do indivíduo, torna a escola um espaço de produtividade e de transmissão de conhecimento, com vistas à formação de mão-de-obra para produção e desenvolvimento econômico. Neste habitat, o professor é visto como um prestador de serviço, sendo cobrado e exigido além da sua capacidade (BRAND, 2010). O estudo de Landini (2008) também aponta a precarização do trabalho, principalmente por influência do capitalismo, como um dos principais fatores de adoecimento.

O baixo salário é o grande responsável pelo sentimento de desvalorização do professor. Soma-se ao baixo salário um contexto muito mais amplo, que envolve a falta de recursos e estrutura física inadequada como: poeira de giz, ruídos, falta de iluminação adequada, desconforto térmico, materiais didáticos inadequados, salas superlotadas (ARAÚJO, 2005; MENDES, M., 2006; REIS, E., 2006; ASSUNÇÃO, 2008, CRUZ; LEMOS, 2005; GOMES; BRITO, 2006; MARIANO, 2006; BASTOS, 2009; REIS, M., 2009; BRAND, 2010; MARQUES; FIRKOWSKI, 2013).

Todavia, a precariedade das condições de trabalho não é o único fator promotor de adoecimento, sendo outro ponto de debate, a organização do trabalho docente, que envolve questões como: jornadas duplas e triplas de trabalho, quase nenhum espaço (tempo e estrutura física) de descanso, refeições rápidas e em locais desconfortáveis, sobrecarga, ritmo e cobrança intensa de trabalho, falta de atividade de lazer e para o autocuidado, baixo suporte social (vínculo entre a equipe), faltas, absenteísmo, enxugamento da quantidade de profissionais, longos períodos na escola, nível de exigência e cobrança elevado, produtivismo acadêmico, necessidade constante de qualificação, exigência de alta concentração para dar conta das tare-

fas e escassez de feedback institucional (ASSUNÇÃO, 2008; LANDINI, 2008; MARQUES; FIRKOWSKI, 2013; ASSIS, 2006; REIS, E., 2006; BASTOS, 2009; REIS, 2009).

A profissão docente também implica relacionar com o outro, envolvendo as relações hierárquicas, com colegas, alunos, família e comunidade. Em um cenário de esgotamento físico e mental do professor, as relações e as interações ficam em constante estado de tensão. O professor é dia a dia obrigado a lançar mão de seus recursos biológicos, psíquicos e cognitivos para compensar a falta de recursos e garantir o aprendizado, ou seja, o professor paga com a própria saúde a garantia do processo de ensino aprendizagem (MENDES, M., 2006; GOMES; BRITO, 2006; MARIANO, 2006; REIS, E., 2006; ASSUNÇÃO, 2008; BASTOS, 2009; REIS, M., 2009; BRAND, 2010; MARQUES; FIRKOWSKI, 2013).

Muitos autores também concordam no que diz respeito à falta de autonomia do professor, pela imposição de conteúdos de livros e de processos de avaliação, que faz o docente perder a identidade com o conteúdo e com o trabalho, que fica cada vez mais estranho e imposto a ele. Ou seja, a perda da autonomia do professor diminui seu domínio sobre o processo e o produto de seu trabalho, alienando-o e desmotivando-o. A alienação e a desmotivação, frutos da perda de autonomia do professor, promovem sentimentos de tristeza, ansiedade, insatisfação, depressão, que por sua vez, promovem o adoecimento docente e aumento do número de licenças médicas. A área da educação é uma das que mais geram afastamentos por licença médica (ASSIS, 2006; ASSUNÇÃO, 2008; LANDINI, 2008; ARAÚJO; CARVALHO, 2009; REIS, 2009; MAIA, P., 2010).

Outro produto da falta de autonomia, perda de identidade, alienação e desmotivação é a mecanização e simplificação da atividade docente, onde a educação passa a ser encarada sob a ótica de transmissão de conhecimento para a formação de mão de obra. O professor, encarcerado em uma realidade opressora e sem voz, adoecido e mal remunerado, passa a se distanciar de seus ideais e a trabalhar mecanicamente, perdendo ao longo do tempo a identidade com a profissão. Nesse caminho, o abandono da profissão costuma ser a opção de muitos (ASSIS, 2006; ASSUNÇÃO, 2008; LANDINI, 2008; ARAÚJO; CARVALHO, 2009; REIS, M., 2009; MAIA, P., 2010).

Tanto o levantamento bibliográfico, quanto as sessões de TCSI denunciam que hoje o professor quase que diariamente enfrenta situações onde tem que assumir vários papéis, muitas vezes, assumindo o papel da

família, por exemplo, aumentando a sobrecarga no trabalho. No mesmo ambiente, o professor exerce a função de pai, amigo, confidente, avaliador (jugador), colega de trabalho, coordenador e, por isso, muitas vezes, precisa ter uma postura de equilíbrio em diferentes situações. Além disso, o professor é obrigado a destinar boa parte do seu tempo de trabalho para assumir serviços burocráticos e administrativos, por falta de funcionários, pessoas especializadas e para contensão de despesas (CARLOTTO, 2002; BRAND, 2010; CRUZ; LEMOS, 2010).

Os estudos e levantamentos sobre as condições de trabalho e a saúde do professor também relatam os principais sentimentos provocados pela atividade de ensino, são eles:

- Cansaço e esgotamento físico e mental, exaustão emocional (ARAÚJO, 2005; MENDES, M., 2006; GOMES; BRITO, 2006; ASSIS, 2006; REIS, E., 2006; FREITAS; CRUZ, 2008; MAIA, P, 2010; SCHWALM, [20--]; BERNARDES, 2015).
- Nervosismo, irritabilidade, esquecimento e hostilidade (ARAÚJO, 2005; REIS, E., 2006; LANDINI, 2008; BERNARDES, 2015).
- Frustração, insatisfação, desmotivação, tristeza, angústia, sentimento de inutilidade e vergonha (GOMES; BRITO, 2006; ASSIS, 2006; ASSUNÇÃO, 2008; LANDINI, 2008; BASTOS, 2009; CRUZ; LEMOS, 2010; MARCELINO, 2011).

Além de apontar as principais formas de adoecimento e sentimentos envolvidos no exercício da educação, os estudos também descrevem alguns tipos de comportamentos e atitudes frutos do ambiente de trabalho do professor. O convívio diário com situações estressantes, a falta de autonomia, a baixa remuneração e o risco à saúde e qualidade de vida muitas vezes induz o funcionário a lançar mão de subterfúgios para sobreviver e se proteger. Entre várias estratégias de proteção e enfrentamento estão o absentismo, o abandono da profissão, o pedido de exoneração, a acomodação (postura de distanciamento sobre a realidade), pedidos de transferência e greve branca (CRUZ; LEMOS, 2005; ASSUNÇÃO, 2008; LANDINI, 2008; KAWAMURA, 2015).

Desta forma, o grande número de atestados médicos na área da educação, muitas vezes compreendido como preguiça ou dissimulação do professor, revela uma triste realidade. O excesso de afastamentos dos professores deve ser visto como uma forma de expressão, descrevendo uma realidade institucional. O mesmo ambiente supracitado também favorece a passividade, o silêncio e o mutismo do professor. A sensação de que

“nada pode ser feito” e de que “nada nunca muda” desmotiva a equipe a discutir seus problemas, diminui os vínculos, a colaboração, fazendo crescer um sentimento de insatisfação e falta de identidade, afetando drasticamente os resultados, a produtividade e o desempenho do funcionário (GOULART, 2003; REIS, M., 2009; CRUZ; LEMOS, 2010; MENDES, A., 2010).

Resultados

Analisando os resultados obtidos, é possível perceber que as queixas em relação ao sistema de trabalho aparecem como principal fonte de sofrimento docente, tanto em Uberaba quanto no Brasil como um todo. O sistema de trabalho dos professores da rede municipal de Uberaba é apontado como principal fator gerador de sentimentos como: frustração, impotência (problemas de trabalho), desvalorização, descrença, desrespeito, desmotivado, desespero, agonia, impaciência, nervosismo, sobrecarga, cobrança, insegurança e medo (baixo salário), insatisfação, auto-cobrança, culpa, traição, ansiedade e decepção. Sentimentos frustração, insatisfação, desmotivação, angústia, nervosismo, insegurança, desvalorização, exaustão física, mental e emocional também foram descritos em pesquisas nacionais (ARAÚJO, 2005; MENDES, M., 2006; GOMES; BRITO, 2006; ASSIS, 2006; REIS, E., 2006; FREITAS; CRUZ, 2008; ASSUNÇÃO, 2008; LANDINI, 2008; BASTOS, 2009; MAIA, P., 2010; CRUZ; LEMOS, 2010; MARCELINO, 2011; SCHWALM, [20--]; BERNARDES, 2015).

Chama atenção que, em três (3) das dez (10) escolas onde foram realizadas as sessões de TCSI, os professores ficaram em silêncio quando houve espaço para falarem sobre seus problemas. O silêncio dos servidores fala a favor do sentimento de descrença no sistema, a crença de que nada será mudado e que todos os problemas dependem de vontade política e de figuras superiores hierarquicamente (LANDINI, 2008; MARQUES; FIRKOWSKI, 2013; KAWAMURA, 2015).

Fazendo uma leitura tanto em Uberaba quanto no Brasil, é possível perceber uma inversão de valores, ou seja, a lógica capitalista de produtividade, cobrança e baixo custo, quando utilizada no controle do ensino, oprime e desmotiva os envolvidos diminuindo seu desempenho profissional (LANDINI, 2008; MARQUES; FIRKOWSKI, 2013; KAWAMURA, 2015).

Ampliando o olhar para a rede de acolhimento e suporte à saúde oferecida aos professores da rede, é possível perceber que a concepção

presente nas escolas, de modo geral, é a de que o adoecimento docente configura-se como algo de responsabilidade individual, não percebendo, ainda, que o indivíduo não é o único responsável por ser portador de um sintoma ou de seu sofrimento, mas sim que existem relações que mantêm este sintoma. Tanto os resultados das sessões de TCSI quanto à leitura das pesquisas dão subsídios à crítica do tipo de atenção dada ao professor adoecido.

O professor adoece socialmente e é atendido individualmente, geralmente dentro de um consultório de alguma das especialidades médicas. O sistema de acolhimento ofertado aos professores da rede municipal é eficiente no que diz respeito ao acolhimento e tratamento do indivíduo, pois dispõe de plano de saúde para o servidor, bem como atividades terapêuticas, porém deixa a desejar em relação ao acolhimento coletivo. Estaria o médico, dentro do consultório, preparado para lidar com todo o contexto do adoecimento docente? Chama atenção a necessidade do enfrentamento coletivo de tudo aquilo que envolver o ser professor no Brasil nos dias atuais.

Em Uberaba outro fator apontado como que favorecedor do sentimento de descrença e desmotivação é o baixo salário, que impede o professor de ter acesso a atividades de lazer e relaxamento tão importantes para lidar com a sobrecarga e o estresse da atividade docente. Além disso, a baixa remuneração está associada a sentimentos de desvalorização e medo de não conseguir se sustentar, principalmente após a aposentadoria. O baixo salário também é associado a sentimento de desvalorização, insatisfação e desmotivação (LEMOS, 2005; MENDES, M., 2006; GOMES; BRITO, 2006; MARIANO, 2006; REIS, E. 2006; ASSUNÇÃO, 2008; BASTOS, 2009; REIS, M. 2009; BRAND, 2010; MARQUES; FIRKOWSKI, 2013).

Outro resultado obtido em Uberaba, nas sessões de TCSI, é o fato da ajuda profissional aparecer como a quarta estratégia de enfrentamento dos problemas. Estes dados vão ao encontro dos estudos que descrevem a descrença, a falta do sentimento de identidade e o desânimo em relação ao sistema de atenção dado ao professor. O sentimento de descrença no sistema de trabalho que, para o servidor, é frio e incompreensivo. Na hora de enfrentar os problemas, o servidor prefere enfrentá-los sozinho, buscar a ajuda de amigos, vizinhos ou a igreja antes de procurar a ajuda profissional (LANDINI, 2008; MARQUES; FIRKOWSKI, 2013; KAWAMURA, 2015).

Estes dados ajudam a entender porque existe o sentimento de descrença no sistema como um todo, e os sentimentos de impotência e de que

nada mudará. Outro ponto importante é que amigos, vizinhos e conhecidos podem não ter preparo para acolher e compreender o sofrimento do servidor, gerando ainda mais sofrimento e conflito (REIS, M., 2009; KAWAMURA, 2015; BERNARDES, 2015).

Considerações Finais (desafios / O Que Fazer / Propostas)

À luz de todos os dados apresentados, emerge a ideia de que é necessário um olhar mais compreensivo sobre o sistema de trabalho dos professores, tanto da rede municipal de Uberaba quanto do Brasil, não no sentido de propor ações estanques ou individuais, mas no sentido de dar voz àqueles que sentem os efeitos, muitas vezes pagando com a própria saúde o preço da carga de trabalho. No cenário atual as escolas e instituições de ensino devem, cada vez mais, debater e compreender que a solução dos problemas está no coletivo e em suas interações. A criação de espaços de partilha, de identificação com o outro e respeito às diferenças parece ser importante na promoção da saúde da coletividade e dos indivíduos. Em outras palavras, os problemas coletivos devem ser enfrentados coletivamente. Esta percepção ajuda a compreender a TCSI como importante estratégia para atender as demandas coletivas.

Através da realização de apenas dez (10) sessões de TCSI foi possível apontar vários fatores também enunciados em diversos estudos nas últimas décadas. Os problemas em relação ao sistema de trabalho foram a principal queixa nas sessões e nos estudos nacionais. Os sentimentos de frustração, insatisfação, desmotivação, angústia, nervosismo, exaustão física, mental e emocional apareceram tanto nas sessões de TCSI quanto no levantamento bibliográfico. Outro cenário descrito tanto em Uberaba quanto no Brasil, foi a da passividade e do silêncio, revelador de uma sensação de que nada mudará. Também aparecem em ambas as fontes de pesquisas queixas em relação ao baixo salário e a falta de apoio social e vínculo entre os membros da equipe. A presença de tantos achados comuns em Uberaba e no Brasil fala a favor da TCSI ser considerada como uma estratégia para dar voz e compreender o sofrimento e a realidade coletiva dos professores. Além disso, a TCSI é uma prática de baixo custo, versátil e que pode ser realizada em diversos contextos e ambientes, o que a credencia como um eficiente instrumento principalmente em locais com condições precárias de trabalho.

A TCSI é um espaço onde o servidor pode falar de si e não apenas de problemas técnicos, o que a torna uma proposta humanizadora, de promoção da saúde e combate ao estresse e adoecimento do professor.

Um grupo que não se expressa (o que pareceria significar que não possui temas) sugere, ao contrário, um tema trágico: o tema do silêncio que sugere uma estrutura de mutismo frente à força esmagadora das situações-limite. Apoiar a criação e manutenção de espaços de partilha, com a presença de terapeutas preparados para ajudar o professor, cansado, muitas vezes adoecido e desanimado, parece ser um caminho interessante. O coletivo e a comunidade escolar devem cada vez mais ensaiar uma forma de expressar seus sentimentos e quebrar seu silêncio. Desta forma, a TCSI também contribui para combater o sentimento de impotência do professor, uma vez que este passa a ter voz e participar das discussões a respeito do sistema de trabalho.

Em linhas gerais é possível argumentar, a princípio, que as estratégias utilizadas em Uberaba e no Brasil pouco interferem no coletivo e consequentemente produzem resultados pouco eficientes no sentido de promover a saúde da coletividade e dos indivíduos que a constituem. Este estudo deixa em aberto uma pergunta que permanece sem resposta coerente: Se o professor adoce socialmente porque tratá-lo individualmente? Parece importante que a TCSI faça parte de projetos mais amplos voltados à compreensão dos sofrimentos coletivos, à saúde do trabalhador, e para futuramente contribuir na elaboração de políticas públicas em educação. Chama atenção a necessidade do enfrentamento coletivo de tudo aquilo que envolve ser professor no Brasil nos dias atuais.

*THE INTEGRATIVE AND SYSTEMIC COMMUNITY
THERAPY IN COPING STRESS AND THE
TEACHING PROFESSION ILLNESS*

ABSTRACT: *In recent years, teachers and school have gained prominence over family in children's education. Most researches on the subject concluded that those changes in social organization and teachers' work contribute to create an unhealthier and more hazardous working environment for teachers. This study seeks to determine whether the Integrative Systemic Community Therapy (ISCT) can be used to evaluate the conditions of teachers' work, both in the city of Uberaba and in Brazil. Ten sessions of ISCT were carried out in ten schools in Uberaba-MG with the objective to identify the main problems on the teachers' perspective. Considering both the data of ISCT sessions and researches on teachers' health, it is possible, ISCT is a tool to better asses and tackle those issues.*

KEYWORDS: *Lecturer work. Teacher's health. Integrative and systemic community therapy.*

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. M. et al. Mal – estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 29 n.1, p.6-21, jan./jun. 2005.

ARAUJO, T. M.; CARVALHO, F. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 427-449, maio/ago. 2009.

ASSIS, F. B. de. **Síndrome de Burnout**: um estudo qualitativo sobre o trabalho docente e as possibilidades de adoecimento de três professoras das séries iniciais. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

ASSUNÇÃO, A. A. Saúde e mal-estar do(a) trabalhador(a) docente. In: SEMINÁRIO REDESTRADO: NUEVAS REGULACIONES EN AMÉRICA LATINA, 7., 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: [s.n.], 2008. p.1-20. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom_seminario_2008/textos/ponencias/Ponencia%20Ada%20Avila.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.

BARRETO, A. **Terapia comunitária passo a passo**. Fortaleza: LCR, 2005.

BASTOS, J. A. Q. R. **O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim-MG**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

BERNARDES, A. T. Hegemonia neoliberal, precarização do trabalho docente no ensino público do estado de São Paulo e adoecimento: uma análise a partir de ourinho. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 16, n. esp., maio 2015.

BRAND, R. M. W. Um contexto em mudança: trabalho, saúde e profissão docente. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2.;

SEMANA DE PEDAGOGIA, 21., 2010, Cascavel. **Anais...** Cascavel: Ed. da UNIOESTE, 2010. p.1-15. Disponível em: <<http://cac-phil.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/174.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, 2002.

CRUZ, R. M. et al. Saúde docente, condições e carga de trabalho. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia**, Jaén, n. 4, p. 147-160, 2010.

CRUZ, R. M.; LEMOS, J. C. Atividade docente, condições de trabalho e processos de saúde. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 24, p. 59-80, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/742/3887>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1988.

ESTEVE, J. M. Teacher burnout and teacher stress. In: COLE, M.; WALKER, S. (Ed.). **Teaching and stress**. Milton Keynes: Open University Press, 1989.

FREITAS, C. R.; CRUZ, R. M. Saúde e trabalho docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 28., 2008. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 2008. p.1-15.

GOMES, L.; BRITO, J. Desafios e possibilidades ao docente e à sua relação com a saúde. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 1, p.49-62, 2006.

GOULART, J. A. et al. Afastamento para tratamento de saúde: sintoma institucional e recurso precário no enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho docente. **Revista Mal-Estar E Subjetividade**, Fortaleza, v. III, n. 2, p. 372–394, set. 2003.

KAWAMURA, E. A. **A saúde mental e a (re)organização do trabalho docente**: trabalho coletivo e poder agir. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2015.

LANDINI, S. R. Trabalho docente, precarização e quadros de adoecimento. **Revista da FAEBA: Educação e contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 30, p. 117-128, jul./dez. 2008.

MAIA, A. Emoções e sistema imunológico: um olhar sobre a psiconeuroimunologia. **Psicologia: Teoria, Investigação e Prática**, [Braga], n. 2, p. 207-225, 2002.

MAIA, P. A. **As condições do trabalho docente e suas interferências na saúde mental do professor**: um estudo sobre as licenças médicas. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2010.

MARCELINO, A. L. G. **Adoecimento docente**: narrativas do trabalho em busca do que viver. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MARIANO, M. S. S.; MUNIZ, H. P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 1, p.76-88, 2006.

MARQUES, L. B.; FIRKOWSKI, N. F. Saúde do docente: fatores que levam ao adoecimento mental da categoria no Brasil. In: JORNADA DE SOCIOLOGIA DA SAÚDE, 7., 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Ed. da UFPR, 2013. p. 1-4. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/sociologiasaude/files/2013/12/25_SA%C3%9ADE-DO-DOCENTE.pdf>. Acesso em: 21 nov.2016.

MENDES, A. R. Saúde docente: uma realidade a ser enfrentada a caminho do bem-estar e da realização profissional. In: MOSTRA DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO, 5., Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUC RS, 2010. p 533-535. Disponível em: <http://www.edipucrs.com.br/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Educacao/82148-ALINE_ROCHA_MENDES.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.

MENDES, M. L. M. Condições de trabalho e saúde docente. In: SEMINÁRIO DA REDESTRADO–REGULAÇÃO EDUCACIONAL E TRABALHO DOCENTE, 6., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, Ed. da UERJ, 2006. p.1-10. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalhos/eixo_tematico_2/condicoes_trab_saude_docente.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.

MILLER, H. **The state of the academic profession**. England: The University of Aston in Birmingham, 1992.

REIS, E. J. F. B. et al. Docência e exaustão emocional. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006.

REIS, M. I. A. **Gestão, trabalho e adoecimento docente**: caminhos e descaminhos na Fundação Escola Bosque. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

SCHWALM, P. H. Saúde docente: possibilidades e limites. **Dia a Dia da Educação: Portal Educacional do Estado do Paraná**, Curitiba, [20--]. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/859-2.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2015.

